

UM

O fim de tarde de sexta-feira de final do verão estava tão encantador que Phyllis Fischer se sentou ao toucador com a janela aberta para o jardim. A vida fluiu para dentro do quarto pela janela, no sonolento fluxo de noite suburbana: o jorrar constante e calmante de uma mangueira numa cercadura herbácea, o estalido confiante das tesouras da poda, as pancadas fortes das bolas do clube de ténis, o irromper dos gritos agudos das crianças nas suas brincadeiras, as fragrâncias da relva cortada e da carne a assar, o tilintar do gelo nos primeiros gins tónicos do fim de semana. Quando os raios oblíquos do Sol se tornaram de súbito ofuscantes numa das abas do espelho do toucador, Phyllis ajustou-a e a luz deslizou pelo conjunto de *toilette* em vidro facetado e pelos seus frascos de *L'Air du Temps* e hamamélis e leite de limpeza. Inclinou-se para a frente, de combinação, apoiando-se nos cotovelos para se ver melhor ao espelho, sentindo a brisa namorar-lhe os ombros nus, aspirando o sabonete na sua pele. Tinha quarenta anos, mas ainda era dona de uma beleza expectante, animada: o seu rosto bronzeado de mulher loura estava semeado de sardas pálidas sobre o nariz arrebitado, o cabelo claro um tanto seco — não amarelo, mas um dourado opaco, como palha desbotada — fora penteado para trás nesta noite, com volume, e estava firme devido à laca. Espalhou com cuidado um batom pálido, apertando os lábios, franzindo o sobrolho ao espelho por achar a boca muito grande

— demasiado suave e indefinida, como se pudesse de repente disparar qualquer coisa grosseira ou crua. Na verdade, era descontraída, uma pessoa descontraída, que ficava feliz com facilidade, contente por fazer os outros felizes. Estava satisfeita com a vida. O ano era 1967.

O seu vestido para esta noite esperava, como um amigo, pendurado no cabide na porta do guarda-fatos: um vestido de linha império com uma saia acima do joelho, de *chiffon* verde com arrojadas riscas verticais, vermelhas e cor de laranja, uma fita verde de gorgorão sob o peito, apertada à frente com um laço. Pedira à Mandy Verey que lho passasse a ferro, antes de ir para casa — não havia necessidade de fazer Mandy ficar para servir o jantar, porque este não era formal. O jovem que vinha, Nicholas Knight, podia acabar, afinal, por revelar-se entediante; Phyllis tinha uma memória vaga de que ele era aborrecido em rapazinho. Conhecera-o há muito, quando ainda estava casada com Roger há pouco tempo e a sua filha Colette era um bebé com muitas cólicas. Aos nove ou dez anos, Nicholas tinha a aparência de um moço, com um cabeça grande e pesada, e óculos de grossos aros pretos, transbordante de conhecimentos factuais, insistindo que o testassem sobre bandeiras e capitais do mundo; Roger, muito paciente, fazia-lhe a vontade. Nicholas era filho de amigos de Roger, Peter e Jean Knight — que eram, na verdade, amigos dos pais dele, mais velhos do que ele. Phyllis só sentia uma antecipação vibrante com esta visita porque gostava de receber — e porque, afinal, ele era um homem, mesmo que acabasse por ser deselegante e pouco atraente. Gostava de homens, não podia evitá-lo. Embora não houvesse possibilidade de namoriscar com Nicholas, que estava muito mais próximo da idade da filha dela.

As crianças que brincavam lá fora gritavam agora de excitação, no clímax de alguma perseguição, zigzagueando pelos caminhos secretos no jardim, sob a luz ardente, escondendo-se atrás dos buxos altos e bem podados, ou atravessando emaranhados de arbustos luxuriantes: rododendros e hidrângeas, o venenoso louro-manchado, bambu firme. Alguns destes jardins chegavam a dois quilómetros quadrados ou mais, e as crianças tinham construído esconderijos nos retalhos de floresta, nas extremidades mais distantes, onde chegavam ao rio sem vigilância dos pais; um jardim de uma casa abandonada era uma selva, e eles

tinham-se conduzido a si próprios a um estado de horror, perante a ideia de dar por lá com coisas mortas. Conheciam todos os lugares em que a vedação estava partida e por onde podiam esgueirar-se, manchando a roupa com líquenes ou rasgando-a em pregos. Um adulto abriu uma janela do primeiro andar, numa das casas próximas na praça dos Fischer, para gritar com eles: com um chapinhar e um grito, uma criança falhou um passo nas pedras que atravessavam um pequeno charco, levantou com consternação uma sandália a pingar, uma meia ensopada — mas não havia tempo para parar, os outros eram implacáveis.

— Idiota! — exclamou um deles com dureza. Phyllis pensou com euforia que o seu filho Hugh estaria com eles, a correr, talvez à frente da tribo, abrindo caminho. Devia inclinar-se da janela e chamar Hugh para dentro, era hora de jantar — mas ainda estava de combinação, e de qualquer forma não conseguia ficar ofendida com a exuberância das crianças. Sentia, como elas, a promessa da noite, o crescer das sombras, o baque do fim.

Roger Fischer chegou a casa, vindo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, onde era um alto funcionário, um arabista perspicaz e respeitado, tirou o casaco no andar de baixo, iluminado pela luz colorida dos vitrais da porta do alpendre, chamando a família enquanto o pendurava no cabide, avaliando-se, apenas por organização, não por vaidade, no pequeno espelho quadrado de arestas biseladas. Era um homem arrumado: de estatura média e entroncado, a cintura a ganhar flacidez, um rosto impressionante, de maxilares largos, olhos pesados de cão, a sombra escura da barba do fim do dia, o cabelo alisado para trás. No corredor sentia-se o apetitoso cheiro dos cozinhados, e, pela porta aberta da sala de jantar, viu a mesa posta, com flores, uma toalha com guardanapos coloridos, aos quadrados, copos de vinho. Lá em cima, ao toucador, Phyllis parou, com a escova do rímel junto a um olho, e espreitou a própria imagem ao espelho por um momento, inescrutável — embora a expressão já se compusesse em alegres boas-vindas, cantarolou a sua saudação. Roger iria ver primeiro a pobre Colette, que como de costume se debatia com os trabalhos de casa. Phyllis tinha tempo de vestir os *collants*, de fazer deslizar o vestido pela

cabeça, de borrifar um pouco de *L'Air du Temps* nos pontos de pressão nos pulsos e por trás das orelhas.

Se Colette sentia dificuldades, não era por não ser inteligente. Era muito inteligente, mas com ela tudo era difícil. Os trabalhos de casa de Literatura Inglesa deviam ser fáceis, mas havia demasiado em jogo: era suposto estar a escrever um ensaio sobre a imagética do crescimento e o declínio em *Noite de Reis*, o que poderia fazer com uma perna às costas, não fosse estar a tentar comunicar disfarçadamente, através do ensaio, a sua afinidade apaixonada pela nova professora de Inglês — que estava nos seus quarentas, era magra, ambígua, elegante, seca, divorciada. Colette frequentava uma escola privada para raparigas, arrastando os pés relutantes todos os dias, nos regulamentares sapatos castanhos de atacadores, pela colina íngreme acima, desde o sítio onde o pai a deixava, atravessando os sinistros portões de ferro forjado abandona-aqui-toda-a-esperança, até ao Vestiário Subterrâneo, com o seu odor mineral a patins de hóquei e a suor frio, onde tinha de despir a gabardina verde-garrafa e calçar as sandálias de interior. As raparigas da Secundária de Otterley eram saudáveis e desportivas e joviais, abençoadas com a inconsciência de si próprias; Colette era uma intelectual solitária e torturada. Pensou em fazer, como a personagem Viola, uma cabana num salgueiro ao portão da nova professora, mas sabia que não conseguia representar tal papel: Viola tinha de ser maravilhosa, tocante, minúscula. Colette era sólida, tinha o queixo quadrado, peito grande, caracóis escuros num comprimento em que só o cabelo absolutamente liso era bonito. E usava óculos — teimosamente, insistira nos óculos normais do Serviço Nacional de Saúde, com aros num cor-de-rosa transparente.

— Eu compro-te uns mais bonitos — suplicara a mãe. — O pai não se importa de pagar.

— Não quero uns mais bonitos — respondera Colette, sombriamente.

Embora lesse tudo, recusava-se a ler a romancista que, segundo a mãe, inspirara o seu nome. Podia adivinhar qual fora a ideia da mãe ao dar-lhe o nome Colette: imaginara um diabrete feérico, magro e esguio e de aparência francesa, piscando atrativamente por detrás de

uma franja caída sobre os olhos. Uma criança que não era ela. Colette dedicou-se com amargura ao ensaio, a janela do quarto trancada às seduções da noite lá fora. Fazia sempre os trabalhos de fim de semana à sexta-feira, como se estivesse a limpar o caminho para alguma coisa, ainda que, depois de limpo, não soubesse o que essa coisa era. Pelo vidro e no calor estagnado do quarto fechado, apercebia-se das crianças lá fora, a gritar enquanto se precipitavam nas correrias, e era inundada de saudades de um tempo em que fora uma delas — o que parecia ter sido há séculos, embora tivesse apenas quinze anos.

Colette nunca fora um diabrete magricelas. Fora vermelhusca e em forma de barril, e mandona, movendo os braços como pistões enquanto corria — sabia-o, porque o irmão a imitava. Mas nessa altura era poderosa: lembrava-se de estar de pé, de pernas afastadas, de galochas, no cimo do jardim de pedras, as mãos nas ancas, a barriga espetada para a frente sob o vestido, gritando ordens ao seu gangue de amigos — que eram escravos egípcios a construir as pirâmides. As suas fantasias implicavam com frequência um elemento de educação histórica; mas os outros queriam brincar com ela na mesma, porque ela inventava os melhores jogos, os mais aterradores. Tinham lançado uma jangada furada ao rio e quase se tinham afogado — perdera os óculos que tinha nesse momento, e haviam perdido dois remos que tinham levado emprestados da casa dos barcos dos pais de alguém. Tinham-se ajoelhado ao anoitecer com uma lanterna, na estufa em ruínas no jardim abandonado, e desenhado marcas de giz no chão para chamar os espíritos. Tinham encontrado gatos e ratos mortos nesse jardim, e uma vez, num regato, matado sordidamente uma enguia à pedrada, porque tinham demasiado medo de lhe tocar — depois, tinham ficado envergonhados, e nunca mais voltaram a falar nisso.

A caneta pingou, ela limpou a porcaria e ficou com os dedos sujos de tinta; de repente, sentia-se suada e perguntou-se se o quarto teria o seu cheiro desagradável, porque estava com o período. Quando ouviu o pai entrar, lá em baixo, saltou para abrir uma janela, e depois voltou a sentar-se à secretária, numa atitude de estudo concentrado. Pelo menos o pai vinha sempre dizer-lhe olá primeiro, porque Colette ainda era a

sua fofinha — embora, diplomaticamente, nenhum deles o mencionasse hoje em dia. Ele bateu antes de espreitar.

— A trabalhar no duro? — perguntou, com compaixão.

— Porcaria de ensaio estúpido. *Noite de Reis*.

— Uma peça deliciosa.

— Eu sei, mas...

— É horrendo ter de desconstruir assim uma peça deliciosa. Qual é teu tema?

Cruzou comicamente os olhos, o que a mãe lhe dizia que não devia fazer.

— Imagética do crescimento e declínio.

Roger riu-se. O pai era muito mais inteligente do que a mãe, pensou Colette; e no entanto era o labirinto escorregadio da mente da mãe — ilógico, funcionando por autossugestão e palpites segundo os seus propósitos ocultos — que se fechava a Colette, e que lhe era, portanto, mais perigoso. Phyllis apareceu à porta atrás do marido, os lábios bem pintados, perfumada, debruçando-se sobre o ombro dele e não chegando bem a beijar-lhe o rosto, por causa do batom. Como é que Colette podia fazer o papel de jovem rapariga enquanto a mãe persistia em usar vestidos de menina como aquele, com a sua saia curta e busto alto, com fitas compridas atadas num laço?

— A Colette hoje janta connosco — disse Phyllis na sua voz satisfeita e encorajadora. — Vou fazer torradas e feijões para o Hughie já a seguir, para o tirar do caminho e o meter na cama.

Roger ofereceu o mesmo sorriso à mulher e à filha.

— Esperemos que a ocasião mereça tão boa companhia.

— Só não te metas com ideias — disse Colette, taciturna, à mãe.

— Estás sempre a dizer-me para não ter ideias.

— Mas tu tens ideias estúpidas. Como essa de eu ficar amiguinha desse Nicholas Knight, quem quer que seja. Posso já dizer-te que vai detestar-me.

— Não vai detestar-te. Há muito mais possibilidades de que o detestes a ele. Deve ser horrivelmente entediante.

— Devíamos ser simpáticos com ele, mesmo que seja entediante — intrometeu-se Roger. — A mãe dele é uma velha amiga, muito querida.

Por causa dela, sinto uma afinidade por este jovem. Vamos dar o nosso melhor.

Phyllis perguntou a Colette o que ia vestir, e ela respondeu que se recusava a vestir fosse o que fosse.

O pai disse que isso, garantidamente, aguçaria a atenção de Nicholas.

Phyllis atou um avental sobre o vestido, na sua cozinha alegre e moderna, toda em azuis e amarelos, com cortinas às flores, que ela própria costurara, na janela sobre o lava-loiça. Estava tudo pronto, a *terrine* de porco decorada com folhas de louro e glaceada no seu *aspic* no frigorífico, a *charlotte russe* na sua paliçada de biscoitos de champanhe sobre o balcão, carne de vaca fragrante a estalar no forno. Era uma cozinheira aventureira e lia Elizabeth David, recortava as colunas de Len Deighton do jornal; ao longo dos anos, educara Roger para gostar da carne cozinhada com ervas e alho. Traziam tranças de alho e cebolas das férias em França. Podia acontecer, claro, que o convidado preferisse comida simples; a Jean Knight, agora que pensava nisso, não era assim uma velha peculiar, do género de comer batatas cozidas e pronto? Bem, se Nicholas fosse esquisito, então era altura de experimentar qualquer coisa nova.

Saindo da cozinha, desceu pela lateral da casa e até ao jardim. As vozes das crianças haviam sossegado, e a luz morna e fértil parecia densa e cheia de suspense, como âmbar; nada se moveu até um melro gritar o seu alarme cacarejado, enfiando-se pelo fundo empoeirado e escuro da sebe. Então, antes mesmo de ela o chamar, Hugh surgiu a correr a toda a velocidade de entre as árvores, sozinho, porque os outros deviam ter entrado para o chá: estava nu até à cintura e usava as suas calças *Red Indian* com a franja de plástico branco nas costuras laterais, apontando a espingarda para ela e caindo sobre um joelho atrás da espreguiçadeira, para franzir os olhos até disparar, fazendo o som *tzim-tzim*, que era suposto ser o de balas a ricocheteiar nas rochas. Phyllis morreu, embora debilmente, porque não queria arriscar o vestido — por vezes quase conseguia assustá-lo, deixando-se cair de forma muito autêntica num monte. Fechou os olhos e cruzou os braços sobre o peito, cambaleando e gemendo. Então Hugh aproximou-se a correr, atirando-se contra ela

com tanta força que a fez girar, rindo e protestando, e agarrando-se a ele para não perder o equilíbrio. O topo da sua cabeça dava-lhe pelo queixo, e ele provavelmente deixara-lhe sujidade e ranho no peito, ela pousou o rosto sobre o cabelo do filho e cheirou-lhe o calor salgado, aquecido pelo sol, com notas de arbusto e folhagem, o travo metálico da arma.

— Confessa, mãe, que não adivinhaste.

Era sempre *mãe*, com a mesma ironia carinhosa, nunca mamã.

— Hughie, deixa-me, estás a dar-me cabo do vestido!

— A palavra de ordem é vigilância! — disse ele.

Esta felicidade não pode durar, pensou Phyllis.

Hugh tinha nove anos, tinha de se ir embora para a escola, para crescer e se esquecer da mãe. Phyllis fazia um esforço para esconder o quanto amava o filhote, tratando-o alegremente, com especial leveza, gracejos e piadas, porque acreditava que o amor excessivo podia estragá-lo e perverter-lhe a natureza. Quase desejava que ele perdesse alguma desta beleza quando se tornasse um homem: a sua boa aparência era incomum, como um anjo num quadro, com cabelo quase branco e grandes olhos azuis, pele que no verão se fazia de um dourado-escuro. Ele quase a matara ao nascer, na enfermaria, depois de um longo e difícil trabalho de parto, porque estava em posição pélvica e os médicos não conseguiam virá-lo. E Hugh não tinha vergonha de fazer jogos carinhosos de provocações, indiferente ao que os amigos pudessem dizer, supremamente confiante nos seus atos. Por vezes beijava-a abertamente à frente deles.

À mesa da cozinha, devorou os feijões cozidos numa torrada com *ketchup*, balançando os pés incansavelmente sob o banco onde estava sentado, o olhar vagueando pela divisão, mas sem grande interesse, contando-lhe sobre as suas aventuras, que ela mal conseguia acompanhar — uma mulher qualquer em Elm Rise era uma bruxa velha, não era justo que o Smithy ficasse com o capacete ARP dois dias seguidos, era suposto capturarem qualquer coisa ao inimigo, mas o Barnes-Pryce tinha molhado o pé, perdido a sandália, os pais iam-se passar. Quando acabou uma tigela de tangerinas em lata, Hugh retirou-se lá para cima — detestava visitas, as suas perguntas e afagos constantes. Gregário no

exterior, era feroz na defesa da privacidade dentro de casa. Só a mãe tinha permissão para lhe transpor o limiar do quarto; uma folha colada com fita-cola na porta avisava os intrusos, *especialmente a Menina Colette Fischer*, de que a entrada era *Extritamente Proibida e pontvel com Medidas Severas, incluindo Tortora e Morte*. A relação de Hugh com o pai era amigavelmente superficial, deixavam-se em paz um ao outro — Roger só o levava a sair aos domingos, ao treino de críquete. Tudo o mais de importância entre eles estava adiado, por acordo tácito, até chegar a altura de Hugh ser enviado para a antiga escola de Roger. Quando estivesse em Abingdon, compreenderia o pai.

Colette corrigira a ortografia no aviso do irmão com uma caneta vermelha, e fazia questão de entrar no quarto sempre que Hugh não estava, para lhe monitorizar o progresso das várias coleções — que chegava a ser uma mania, pensava para consigo. O quarto era um caos, com montes de canivetes, álbuns de selos, caixas de charutos, cadernos. Asfixiava as borboletas ele próprio, em frascos com folhas de loureiro, antes de as cravar com alfinetes de cabeça de vidro em placas de teto em poliestireno, onde se tornavam gradualmente castanhas e se desfaziam. Comovia-a, contra a sua vontade, a ideia do irmãozinho tão concentrado e solitário no final do dia, sentado na cama de pernas cruzadas, no seu pijama, organizando estes montes doidos que eram as suas posses, listando e catalogando. Quando era um bebé bonito e amado, risonho, deliciado horas sem fim com a roca de plástico azul brilhante, bronzeado de adormecer ao sol no seu carrinho, ela não imaginara que ele pudesse ter nele esta seriedade.

Nicky Knight estava mais de uma hora atrasado para jantar com uns velhos amigos dos pais, que provavelmente eram terrivelmente aborrecidos. Não se lembrava destas pessoas no seu passado, e não percebia porque concordara com a visita. Deveria obter deles alguma coisa? Mas não estava o marido nos Negócios Estrangeiros, rodeado de fascistas e colonialistas — decerto nem a sua querida mãe acreditaria que esse era o caminho para o filho? Nicky imaginava, complacentemente, que houvesse um ficheiro sobre ele no MI5, e que o seu ficheiro já estivesse cheio de razões para lhe ser improvável uma carreira nos Negócios

Estrangeiros. O comboio suburbano para Otterley — arrastando-se por entre as traseiras domesticadas e modestas de casas e hortas, repleto de gente vinda do trabalho, suando nos fatos, barricada atrás de jornais — tinha-o enchido de tanta insipidez e desespero que, assim que saíra, se atirara ao *pub* mais próximo, onde já ia na segunda caneca.

Não se reconhecia em Nicky a criança sem graça que fora quando Phyllis Fischer o conhecera há anos. Nunca tivera uma aparência infantil convincente: o seu longo nariz, lábio de baixo cheio e pestanas densas pareciam exagerados num rapazinho, e as suas orelhas também tinham um cómico tamanho de adulto, um aspeto significativo nas suas humilhações na escola, onde era conhecido como Morcego Gordo — era cheinho nessa altura, com caracóis despenteados. Os pais haviam ido para o estrangeiro quando ele tinha onze anos, porque o pai se metera no petróleo: tinham vivido primeiro no Kuwait e depois em Teerão, e Nicky ficara no colégio interno e ia ter com eles nas férias. Odiava o pai. Porque Peter Knight queria que ele fosse para a sua antiga faculdade em Cambridge, e Nicky insistira em fazer História em Leeds. E agora era alto e magro, e o seu ar desajeitado encaixava perfeitamente no estilo da época. Os caracóis negros tinham alisado e o cabelo passava bem do colarinho, por isso era um gesto habitual — quase um tique — sacudi-lo para trás, penteando-o com dedos machados pela nicotina, para o afastar dos olhos míopes; os óculos tinham delicados aros dourados. A carne era-lhe espessa sob os olhos e o nariz era claramente torto, de narinas dilatadas como um puro-sangue; o rosto parecia já marcado pelos esforços do pensamento. Numa concessão à ocasião que era o jantar com os Fischers, vestira uma camisa não inteiramente limpa e um *blazer* azul-escuro com botões de metal que a mãe lhe comprara, e que ele usava num espírito de paródia militar. Sem gravata: em parte porque as gravatas simbolizavam uma conformidade que ele desprezava, e em parte porque nunca dominara a arte de lhes fazer o nó. Na escola, guardara nervosamente, no final de cada dia, os nós pré-feitos, passando-os sobre a cabeça outra vez a cada manhã. Se alguma vez desfizesse o nó por acidente, levava-o com vergonha à supervisora.

No *pub*, encolheu-se em concentração sobre um volume de *Tristes Trópicos*, que maltratou como maltratava sempre os livros, dobrando-o para trás para o poder segurar, levantar a caneca e fumar ao mesmo tempo, dobrando-lhe as pontas, deixando cair cinza e pingar cerveja nas páginas. Defendia que era capitalista dar valor aos livros enquanto objetos — mas a mãe dizia que ele já arruinava os livros ilustrados quando era pequeno, muito antes de ser contra o capitalismo. Quando devolvia os que ela lhe emprestava, esta ficava triste com as páginas inchadas e as lombadas partidas, tentando com as suas competentes mãos sardentas comprimi-los até à forma original. «Sabes que não é suposto devorá-los mesmo, Nicky», protestava então, suavemente. «É só uma metáfora.»

A luz elétrica e castanha do *pub* ganhava intensidade conforme escurcia lá fora. Tudo o que um dia foi puro e inteiro na vida primitiva, pensou ele enquanto lia, tornou-se quebrado e contaminado na era moderna. Estava repleto de desolação levistraussiana; só lhe restava a adstringência e o alto estilo do pessimismo. Levantando a cabeça da página, sacudiu-a como se uma mosca zumbisse junto dele: ao contrário no vidro opaco da janela, leu as palavras *Salas Comerciais e de Fumo* e foi atormentado por uma súbita inquietação, porque estava atrasado para o jantar. Talvez estivesse demasiado atrasado e não fosse afinal capaz de enfrentar os Fischer? Mas tinha fome, imaginava costeletas, ervilhas, batatas cozidas, molho de menta. Levantando-se para sair, enfiou o *Tristes Trópicos* no bolso do *blazer*.

Estavam prestes a começar a *terrine* sem ele. Foi Colette quem foi abrir a porta, parecendo — na sua própria opinião — um sobremesa *blancmange* num vestido cor-de-rosa, espreitando cegamente para o caminho de entrada, porque dentro as luzes eram muito fortes. O alívio de Nicky por ter encontrado o lugar certo esmoreceu quando a viu. Receara que os Fischer tivessem uma filha precisamente assim, sem forma e sem graça; não havia esperança de um interesse sexual para ajudar a passar o tédio dessa noite. Teria fugido nessa altura, se pudesse.

— Oh, olá — disse Colette, desconfiada, sem se mexer da entrada para o alpendre de tijolos, no qual tinham guarda-chuvas e galochas e

gabardinas, bem como algumas trelas e bolas de borracha roídas que tinham pertencido a um par de cães há muito falecidos e que ninguém tivera coragem de deitar fora. Atrás dela, assim parecia a Nicky, brilhava toda a atração mortal de uma vida burguesa, organizada, estofada e banhada em luz morna, com cheiro a jantar.

— Não tenho nenhum sentido de orientação — desculpou-se ele.

Ficaram frente a frente, antagônicos.

— É sempre a direito, desde a estação.

Colette podia ter acrescentado, mas a isso não se atreveu — porque Nicky tinha todas as vantagens em relação a ela, a idade, a liberdade e o bom aspeto, e podia ter-se apenas rido —, que podia cheirar nele a cerveja e o fumo do *pub*. Provavelmente, estivera no Queens Head, onde ela própria planeava começar a beber nalguma altura de um futuro próximo.

— Ficaria surpreendida... Quer dizer, com a facilidade com que sou capaz de perder-me. Mesmo sendo sempre a direito.

Na sala de jantar, Phyllis levantou-se de onde mantinha uma faca levantada sobre a *terrine* listada com *bacon* reluzente, branco e rosado, que tinha no prato. À espera do convidado, tinham perdido o apetite. Haviam estado animados durante o primeiro *gin* forte, mal reparando que ele estava atrasado; quando Roger propusera um segundo, Phyllis avançara da vertigem para uma irritabilidade vazia, e começara a sentir uma dor de cabeça. Ambos tinham mantido, porém, o verniz do humor sarcástico — ao contrário de Colette, que andava furiosamente de um lado para o outro no seu vestido cor-de-rosa, com uma fita sob o peito, como o da mãe, só que o peito de Colette era mais volumoso. Fora-se servindo de uma taça de azeitonas recheadas até já não haver nenhuma. Estavam aliviados por Nicholas ter por fim aparecido, mas era tarde demais; uma cinza fina de desapontamento pousara sobre tudo. Phyllis não conseguia deixar de sentir-se irritada com Jean Knight, a velha conhecida de Roger. Fora Jean quem fizera esta noite acontecer, escrevendo a Roger de surpresa para lhe pedir que fosse simpático com o filho, que se mudara recentemente para Londres e podia ter poucos amigos. Ficou claro para Phyllis, assim que viu Nicky, que eles não eram o tipo de amigos que ele escolheria.

Nicholas explicou-lhes que se perdera e, embora nenhum deles tivesse acreditado — podiam cheirar o que Colette cheirara —, foi extraordinário até onde chegaram, lamentando e preocupando-se, tentando perceber onde se enganara, que ruas confundira. Seguiria, infelizmente, pela Beech Avenue, em vez da Dorlcote Lane? Com o seu grande sorriso confuso e descontraído, limpando os óculos às fraldas da camisa, mal parecia esforçar-se para fazer passar a mentira. Ofereceram-lhe *gin* tónico e, quando respondeu que preferia cerveja, ficaram consternadíssimos, porque não tinham. Roger abriu uma garrafa de *Moselle* para acompanhar o porco, será que ele gostaria de experimentar? Francamente, disse Nicky, sem com isso os descansar, beberia o que quer que fosse. Metanfetaminas provavelmente não, acrescentara, mas registara que o riso deles fora desconfortável. Mais valia começarem já a comer, sugeriu Phyllis, com um nadinha de severidade. Ele devia estar com bastante fome.

Nicky parecia enorme naquela sala de jantar de tetos baixos e, quando se sentaram à mesa, os seus joelhos de alguma forma bateram contra a parte de baixo, arrastando a toalha e o cobertor colocado sobre ela para proteger a superfície; Roger conseguiu salvar o jarro de água por um triz. Como é que este jovem, perguntou-se Phyllis, irritada, inepto e alcoolizado, numa camisa suja, podia fazer o que o rodeava parecer absurdo e diminuto? E, no entanto, ela adorava esta casa com uma ternura protetora. Era toda *Casa & Decoração*, vitrais e acessórios de cobre, chão de madeira, assentos de janela almofadados. Um aparador na sala de jantar exibia filas de pratos pintados comprados em França; a lareira de tijolo estava cheia, para o verão, com flores secas e papel de seda. Fora a primeira verdadeira casa inglesa da família, depois de terem regressado de anos no Cairo.

Apertou a mão no ombro de Nicky por um instante, quando se inclinou por trás dele para lhe pousar o *gin* tónico junto ao seu lugar na mesa: para o apaziguar e sugerir uma trégua. Afinal de contas, era um homem. Phyllis estava habituada a comunicar com os homens através destes pequenos toques sexuais, tanto quanto através da conversa: acalmando-os, dando-lhes força e seduzindo-os, e depois mantendo-os à distância. Fora sempre fiel a Roger; antes dele só tivera um outro

amante, um erro terrível. Nicky agora devia olhar para ela com apreço, ou inclinar-se para o toque no seu ombro; mas, porque os dedos dela estavam gelados de pescar gelo dentro do balde — a pinça perdera-se algures —, o toque penetrou-lhe o tecido fino da camisa e ele afastou-se inequivocamente, com uma violência nervosa, quase deitando abaixo o *gin* que ela segurava. O recuo surpreendeu Phyllis, embora tivesse disfarçado o embaraço com perfeição; ninguém se aperceberia de que estava minimamente magoada quando se sentou e sorriu, pegando novamente na faca, para servir a *terrine*. E todavia ardia de humilhação. Nicky desviara-se do seu toque, e pareceu-lhe que mal suportava olhar para ela: franzia o sobrolho e espetava o garfo na toalha.

— Então, Nicholas — perguntou Roger com uma jovialidade tensa —, está a gostar de Londres? A ver como corre?

Nicky sorriu vagamente, piscando — a pergunta pareceu levar vários segundos a chegar-lhe.

— «A ver como corre» — repetiu, como se as palavras fossem uma linguagem estranha. — Sim, suponho que estou a fazer isso.

— E a seguir? Quais são os planos?

— O problema — explicou ele, pensativo —, é que não penso no futuro dessa maneira. Sabe, como uma série de passos, progressivo, chegar a um objetivo final. Porque o objetivo final, na verdade, é a morte, não é? Por isso quis viajar: abrir-me a outras formas de ver o mundo. E, agora que parei de viajar, não quero só «arranjar um emprego», voltar a fechar tudo.

— Oh, que treta — disse Colette, mas baixinho; achou que o pai devia estar a achar Nicholas Knight ridículo. E, no entanto, Roger parecia determinado a não desistir dele.

— A sua mãe disse-me que escrevia.

Nicky retraiu-se.

— Disse? Bom, sabe como são as mães. Provavelmente guardou algum ensaio glorioso que escrevi na primária e pôs as esperanças dela nisso. É verdade que escrevi um romance no ano passado, enquanto estive a viver em Teerão. Mas depois queimei-o.

Estava claro que odiava a *terrine*, empurrando-a de um lado para o outro do prato com o garfo.

— Queimou mesmo tudo? — Colette duvidava. — Aposto que o tem guardado numa prateleira, pronto para sair cá para fora quando for famoso.

Ele estreitou os olhos na direção dela.

— Literalmente, queimei-o. O jardineiro estava a queimar ervas daninhas num velho barril de óleo. Alimentei-lhe o fogo com meses de trabalho, meia dúzia de páginas de cada vez.

Ela, contra a sua própria vontade, ficou impressionada.

— Deve ter sido horrível.

— Foi libertador. Senti-me mais livre depois. Era suposto ser sobre as pessoas nos lugares que tinha visitado no Irão e no Afeganistão, mas a verdade é que não fazia ideia do que essas pessoas pensavam. Por isso era só eu, em todas as páginas, a pensar sobre elas: bastante doentio. Depois, quando voltei para Inglaterra para encontrar material que pudesse interiorizar, descobri que afinal não queria escrever romances. É um formato morto.

— Não, não é — protestou Colette, mas Nicky ignorou-a.

— Por isso, não sei bem o que fazer comigo — continuou para Roger. — Porque o romance está morto, e o sistema político é bastante nojento; sem ofensa.

— Não me ofende — disse Roger. — Talvez nem discordemos tanto como imagina. Só que eu estou mais conformado com o meu papel no sistema nojento.

Nicky disse que não o censurava por isso, e Roger perguntou-lhe se era marxista. Mas o marxismo era uma chatice tão grande, queixou-se Nicky. Levantar-se de madrugada, sair para fazer figura de parvo, a distribuir panfletos a estivadores que não os queriam, que só queriam afastar os caribenhos.

— Olham para as tuas mãos suaves como se já estivessem a fazer planos para te encostar a uma parede nalgum lado, se a revolução que defendes como um parvo alguma vez acontecesse.

Colette observou, para ver se o pai desaprovava a irreverência de Nicky, mas ele sorria. Os socialistas ainda eram piores, acrescentou Nicky sombriamente: vegetarianismo, campanha para o desarmamento nuclear, música *folk*.

— Percebo o seu dilema — disse Roger. — Frustrante, se nem pode fazer campanha para derrubar nada.

— Estou só à procura — disse Nicky — para ver o que acontece a seguir. Ando a escrever uns artigos. Talvez haja outra maneira de fazer as coisas. Ou regresso ao Irão e vivo como um camponês. Imagino que vá a toda a parte no seu trabalho, senhor Fischer. Levar a luz da civilização a outras partes do mundo, ou o que quer que seja que o governo de Sua Majestade acha que anda a fazer.

— Infelizmente, hoje em dia é sobretudo um trabalho de secretária — disse Roger. — Mas gostei de viajar. Fui enviado para melhorar o meu árabe quando tinha mais ou menos a sua idade, uma instalação dos Negócios Estrangeiros no Líbano, não muito longe de Beirute, numa antiga fábrica de seda. Foi uma época maravilhosa.

Ele mal fingiu interesse.

— Ai sim?

Roger acrescentou que haviam ficado alojados com locais, e estudado à noite à luz das lâmpadas de Aladino; aos fins de semana faziam caminhadas nas montanhas.

— Mas claro que tem razão no que disse sobre o seu romance. Quanto mais percebíamos a língua, mais nos dávamos conta de que não sabíamos o que pensavam os nossos anfitriões. Uma lição salutar em diplomacia.

— É um linguista.

— Clássicas, em Oxford. Não é uma má preparação.

— O Roger adora o Médio Oriente — disse Phyllis. — Conhecemo-nos no Cairo, eu tinha aceiteado um trabalho lá, achava que queria ver o mundo. A culpa de termos vindo para casa, para Inglaterra, é toda minha. Adorei o Egito, mas não me dei bem por lá, fiquei doente.

— Que inconveniente — disse Nicky. Estava a pôr manteiga na torrada com uma concentração infantil, espalhando-a mesmo até à beira. — O que não posso suportar são os rostos alegres e sorridentes dos expatriados nesses lugares todos. Sem ofensa para si, senhora Fischer. Fui um deles, eu sei: embora, em minha defesa, nunca tenha sorrido muito. Mas são em especial os expatriados britânicos e americanos:

imersos no crime tanto tempo, e mesmo assim aquelas caras alegres e ingênuas como crianças, limpas dos atos de sangue, tão inocentemente feias. Enquanto os rostos dos oprimidos têm o peso do pecado, e são milenares. Tão antigos como as colinas.

— Consigo vê-lo como escritor — disse Roger.

Phyllis mal ouvia Nicky, a não ser para registrar a sua desaprovação. Ainda reagia ao seu recuo, quando ela lhe apertara o ombro. Começara recentemente a fazer piadas acerca de estar a ficar velha: imaginara-se a deslizar serenamente para a meia-idade, realizada e ocupada com a sua casa e os seus passatempos. Mas toda esta resignação alegre, reconhecia agora, fora uma farsa, mera autoilusão. Não lhe ocorrera seriamente, no mais fundo da consciência, que alguma coisa mudara ou alguma vez teria de mudar; tomara como garantido que a essência da sua identidade sexual continuaria para sempre, uma pepita de material radioativo carregado de energia, irredutível. Agora tinha medo de ter enojado Nicky ao tocar-lhe, como ela se sentira repugnada pelos velhos depravados que tentavam apalpá-la quando era da idade dele. Era a sua vez de ser velha e repugnante. Não era isso que ele queria dizer com as suas palavras? Mulheres como ela, e da classe dela, eram repulsivas para os jovens. Provavelmente nunca mais ninguém a desejaria, a não ser Roger.

Estavam todos mais ou menos bêbedos por esta altura: exceto Colette, que os julgava a partir da superioridade solitária da sua sobriedade. Cada detalhe da presença de Nicky parecia significativo para Phyllis, porque ela poderia estar excluída daí em diante da juventude e da beleza: manchas roxas sob os olhos dele, vincos tensos que lhe surgiam ao lado dos lábios quando sorria para si próprio com ironia, as pontas dos dedos machadas de nicotina, que tremiam quando acendeu um cigarro depois de acabar a torrada. Estivera desatenta a essas coisas, pensou ela, quando eram facilmente alcançáveis. Os movimentos dele eram tão soltos, espontâneos, chocando com todas as convenções segundo as quais os Fischer viviam: ela parecia ver a contenção e a formalidade da família pelos olhos dele. Nicky esmagou o cigarro mesmo no meio da fatia da *terrine* que ela fizera. Phyllis não percebera que os jovens tinham esse poder, o de reduzir o presente dos de meia-idade a escombros.

* * *

Só quando ela lhe tocara, Nicky reparara devidamente em Phyllis Fischer. Ele vira-a, até então, através da névoa de todas as coisas que assumira sobre ela: por exemplo, que tinha mais ou menos a idade e a assexualidade da sua própria mãe. Absorvera uma solicitude familiar e envolvente, uma preocupação desnecessária: não eram indesejados, mas não eram interessantes. No entanto, quando Phyllis o reclamara com a sua mão fria, ficara abalado: algo ao menos estava vivo, sob a superfície embrutecedora daquela conversa. Ele procurara o interesse sexual no sítio errado. Não eram as atrações da filha que o podiam ajudar a enfrentar os momentos de tédio dessa noite, mas as da mãe: mais jovem do que ele pensava, e ávida, com aquele rosto bonito que era uma máscara loura. O borrão da boca grande — batom cor-de-rosa que lhe penetrava nas fissuras dos lábios — dava-lhe um ar de certa forma jovial e irresponsável, apesar de toda a representação de esposa ideal. Sem dúvida estava tão aborrecida como ele, aborrecida de morte. Era uma infelicidade, porém, que cozinhasse este tipo de comida francesa. Não conseguia forçar-se a tocar na carne que ela servira como entrada, porque tinha grumos brancos de gordura, e ele detestava gordura. A carne de vaca, ao menos, era comestível: as batatas eram demasiado pesadas, ela cortara-as e cozinhará-as com natas e manteiga. Ele tentara esconder o *gratin dauphinois* debaixo da faca, um truque antigo dos tempos de internato.

O marido, claro, era o inimigo de Nicky, com a sua conversa paralisada, as ironias gastas. Roger era o Sistema: o seu primeiro estrelato em Oxford, a sua boa guerra, condecorado em Monte Cassino — a mãe de Nicky enumerara todos estes feitos, orgulhosa de ser amiga de um homem assim. O que seria mais natural, perante a força incontestável do seu rival, do que seduzir-lhe a mulher? Quer dizer, não seduzir de facto: afinal de contas, estes eram os amigos dos seus pais. Mas seduzi-la pelo menos nos pensamentos. Perguntou-se, se puxasse a fita do vestido de Phyllis, o que se desmancharia? Quando ela se levantou para ir buscar uma taça de salada do aparador, viu que a fita era puramente decorativa, o vestido abria atrás com um fecho. Recusando a salada, e entre os

elementos da sua conversa com o marido, defendendo-se da peçonhenta da filha, imaginou apertar o corpo de Phyllis contra o seu, estendendo o braço sobre o ombro dela para abrir o vestido. Ela seria sedosa e complicada nos seus braços, só de combinação e *soutien*, manchando-o de batom cor-de-rosa, misteriosamente experiente.

Nicky tivera um número aceitável de aventuras sexuais, mas preocupava-se, porque nenhuma delas fora transformadora. Desconfortável, moveu os joelhos de onde estavam entalados debaixo da mesa. A rapariguinha de escola, no seu lamentável cor-de-rosa — Cornelia? Caroline? — era obstinada, e o seu olhar deixava-o inquieto, de tal modo que só deitava relances ocasionais, furtivos, à mãe; a sua atenção estava pregada, por necessidade, em Roger Fischer. Reparou que Roger usava o garfo para cortar a comida, repousando a mão direita fechada sobre o pano xadrez, ao lado do prato.

— É uma velha ferida de guerra, senhor?

Quem poderia dizer de onde vinha aquele *senhor*: das suas bandas desenhadas da infância, talvez? Ou uma lembrança embaraçosa da escola que odiara. No momento em que o usou, Nicky soube que soava demasiado a troça, embora troça não fosse exatamente o que pretendia. Roger olhou para a mão como se se tivesse esquecido dela: algo estava errado no seu formato, os dedos curvados debilmente contra a palma, os tendões murchos e afundados, a pele esticada e arroxeadada: pensando nisso, ele fez um esforço para a estender.

— Nada de tão glorioso — disse ele. — Aprendi a usar sobretudo a outra.

— Oh, Roger, é uma ferida de guerra! — exclamou Phyllis, aliviada por poder exhibir a sua devoção conjugal. — Só que não da verdadeira guerra: depois, no Egito, a respeito da Palestina. O Bando Stern bombardeou um comboio, um fragmento de metal trespassou-lhe a mão, e ele quase a perdeu. Aconteceu antes de o conhecer, mas ouvi tudo sobre isso, embora não através do Roger, pode ter a certeza. Foram os amigos dele que mo contaram.

— O comboio do Cairo para Haifa, em fevereiro de 48, transportava muitos militares. Eu estava no sítio errado à hora errada. Não teve nada de heroico.

— Isso não é verdade — disse Phyllis, com ardor. — Foi heroico a ajudar os feridos, embora ele próprio estivesse cheio de dores. Morreram centenas de soldados.

— Centenas não, Phyl.

— Devia estar-lhe grato. Quer dizer, devíamos estar-lhe todos gratos. Eu sei que estou.

— Agora estás mesmo a deixar-me embaraçado. Há pudim? Tenho esperanças de que haja pudim: puseste colheres. E talvez um cálice de vinho da Madeira com o pudim? Vou buscar o vinho da Madeira.

— Suponho que despreze a minha geração — disse Nicky com azedume.

— A nossa geração — corrigiu-o Colette, mas Nicky disse que não era o mesmo para as raparigas, as raparigas tinham sorte. Roger explicou que não desprezava a geração dele, de maneira nenhuma. Achava que tinham uma oportunidade de olhar em volta com ideias claras.

— Imagino que pense — continuou Nicky — que nunca seremos heróis, porque nunca seremos testados como vocês foram. Mas não queremos ser. Pelo menos eu não quero. Fico contente por abrir o jogo: falharia todos os testes que me fizesse. E não me importo. Sou um covarde e tenho vaidade nisso. Um mundo construído por covardes seria um lugar melhor. Podíamos todos dormir em paz e ler os nossos livros.

— Alguém vai ter de continuar a fazer as camas e a cozinhar o jantar — disse Phyllis alegremente, procurando aligeirar o tom.

— Tu não fazes as camas — disse Colette. — É a Mandy Verey que as faz.

Ficou surpreendida por ver a mãe corar profundamente nesse momento, como se tivesse vergonha de alguma coisa, o que nunca acontecia. Phyllis imaginava que agora Nicky Knight a desprezasse completamente. Não era só velha e repugnante, mas também tinha criados.

Nesse momento, o telefone tocou na entrada e Phyllis foi atender. Era a mãe de um dos amigos de Hugh, queixando-se de que o filho chegara a casa sem uma sandália. Phyllis fingiu que não sabia nada sobre isso.

— São uns malandros — solidarizou-se ela, mas com demasiada leveza. Patsy Barnes-Pryce pareceu desaprovar.

— Não sei se acham que somos feitos de dinheiro.

Mas os Barnes-Pryce *eram* feitos de dinheiro, pensou Phyllis. O marido de Patsy era corretor na bolsa, eram podres de ricos.

— Ficava grata se você ou o Roger pudessem dar uma vista de olhos — dizia Patsy.

— Mas nós não temos um charco!

— Não, mas os Chidgely têm, e estão na Suíça. Não tem uma chave? Pensei que dava comida ao gato deles.

— Creio que posso procurar de manhã — disse Phyllis, em dúvida.

— Estou preocupada com as raposas — disse Patsy, com firmeza.

— Acho que devia ir agora. Leve uma lanterna. Ele diz que está ao pé da ninfa.

— Que ninfa?

— Não faço ideia. Mas de certeza que reconhecerá uma ninfa quando a vir, não?

Phyllis sentia-se tonta, e pensou que tinha de se controlar: os Barnes-Pryce eram do tipo religioso e não aprovariam se soubessem que estivera a beber. Enrolando o cabo do telefone na mão, de pé no tapete turco, fletindo os pés, em meias, para cima e para baixo — devia ter tirado os sapatos debaixo da mesa, por vezes fazia isso quando estava tocada —, ouviu a própria voz, tentando recusar o que Patsy queria sem a ofender, explicando que tinham um convidado para jantar. Mas francamente!, exclamou para si própria. Estava escuro lá fora! E por que carga de água haveria ela de ir à procura da sandália ensopada do Milo?

Com as suas escadas e portas apaineladas a carvalho, pareceu-lhe nesse momento que aquela entrada que adorava era como um cenário para uma peça de alguém fora de moda. E era como se não só a voz de Patsy mas também a sua continuassem a certa distância, longe nas linhas telefónicas, de forma bastante irreal. A única realidade era o momento presente, que se juntava em seu redor nesse poço fundo de obscuridade quieta e aveludada, a sua luz tingida de rosa pelos abajures

nos candeeiros que ela fizera com garrações de vidro, reluzindo nos vasos de latão com os arranjos de penas de avestruz e rebentos secos. A conversa continuava sem ela na sala de jantar, cuja porta estava entreaberta, alguma discussão num tom que subia e descia. Phyllis sentiu o momento presente nas terminações nervosas, que formigavam com a sensação. Sem ver nada, folheou o livro de endereços, amolecido pelo uso, recheado de cartões e listas, alguns nomes de amigos e parentes falecidos respeitosamente riscados. No meio de tanta quietude, um pulso acelerava: o seu. A sua vida passava, passava. Apanhando uma imagem pouco clara de si própria no espelho quadrado no bengaleiro, achou que parecia aturdida, vítima de alguma coisa, agredida.

— O que sucede — continuou Patsy, inflexível — é que encontrei um homenzinho, um especialista, terrivelmente caro. Porque tem sido um pesadelo com os pés do Milo.

Lá em cima, a porta do quarto de Hugh gemeu quando se abriu uma fresta: ele tinha um sexto sentido para quando qualquer assunto ao telefone lhe dizia respeito, por isso esgueirou-se para se sentar de pernas cruzadas, braços cruzados, no pijama às riscas, no patamar onde a escada virava para descer para a entrada. Com um suspiro, Phyllis acabou por concordar que procuraria e devolveria o telefone-ma a Patsy.

— É muito simpático da sua parte — disse Patsy, sem nenhuma sinceridade.

— Aposto que era aquela atroz senhora Barnes-Pryce — disse Hugh, sabiamente, quando Phyllis pousou o auscultador. — Acerca do escândalo da sandália.

— Aquela mulher é demais!

— E digo-te mais. A sandália está dentro.

— O que é que isso quer dizer, «dentro»? No charco? Mas ela diz que ele a tirou e a deixou ao pé de uma ninfa.

— E deixou. Mas alguém que vinha atrás deu-lhe um pontapé para dentro do charco.

— Não foste tu, pois não, Hugh?

— Mãe, como é que podes pensar isso? Honra de escuteiro. Mas vi.

Phyllis não pôde deixar de se rir. Pensou que o filho era como ela, compreendia-a.

— Volta já para a cama — disse. — Que horas achas que são?

Colette levantou a mesa de má vontade enquanto a mãe estava ao telefone. Os dois homens foram deixados sozinhos e desconfortáveis; com certeza que depois do pudim, pensou Nicky, poderia escapar-se. Roger perguntou por Cressing, a casa dos Knight em Suffolk; tinham arrendado a casa durante anos enquanto viviam no estrangeiro, e agora tinham decidido instalar-se definitivamente em casa em Inglaterra. Nicky disse que ele próprio não ia com frequência a Cressing, que a casa lhe causava asma, que era alérgico à própria infância — mas a mãe era feliz por lá. O pai não gostava do campo, passava o tempo sobretudo no apartamento em Woburn Square. Roger lembrou que ganhara afeição a Cressing quando lá estivera durante a guerra, ainda jovem. Visitara-a quando estava de licença, porque Peter Knight fora amigo dos seus pais, os dois homens tinham trabalhado juntos por algum tempo — embora o pai não tivesse metade do sucesso de Peter. Roger agarrara-se à ideia de um lugar como Cressing, disse ele, durante os tempos difíceis.

— Que algures havia uma casa antiga e acolhedora no campo, sabe. Nada enorme, mas com uma biblioteca, meia dúzia de cisnes num fosso, e um observatório. Ridículo, claro. Porque a casa não era minha, nem nada que se pareça. Não venho desse tipo de propriedade, nem dessa classe: a sua classe, Nicholas, suponho eu. Nem sequer aprovo realmente uma classe latifundiária, em teoria.

— Oh, a *minha* classe. Repudio a minha classe.

— É fácil falar. Fui um rapaz que beneficiou de uma bolsa. O meu pai era contabilista.

— É surpreendente, por acaso — ponderou Nicky, embaraçado pela confissão do homem mais velho, — que todos os dias a minha mãe encontre mais coisas que os inquilinos da casa partiram ou roubaram enquanto esteve fora. Está a deixá-la um bocado transtornada. Como se andasse por ali a desejar que lhe partam o coração: a procurar no

fundo dos armários pedaços partidos de jarras que, até ter ficado sem elas, já se esquecera de que as tinha.

— Não tomo a Jean por alguém preocupado com os bens materiais.

— Talvez seja uma reação exagerada. Depois de anos a vaguear. Oh, e eles mandam lembranças. Pelo menos a minha mãe. Eu não costumo falar com o meu pai. Não faço ideia se ele se lembra de mais alguém, para além de si próprio e da medonha da amante, mas duvido.

Roger alisou a toalha, perturbado: talvez não fosse de bom-tom, pensou Nicky, mencionar a amante. No momento em que Colette trazia a *charlotte russe*, Phyllis chegou da entrada com um ar abatido, as galochas na mão, e disse que tinha de sair.

— «Sair» como? — perguntou Roger, preocupado, levantando-se da mesa. — Para onde?

— Francamente, o raio da mulher. Desculpe-me a linguagem.

O problema da sandália era irresistivelmente ridículo: todos ficaram contentes por acabar com a festa à mesa. As janelas para o jardim tinham estado abertas toda a noite, mas, quando Phyllis abriu as portas para o empedrado da varanda, a divisão ganhou de súbito vida com o ar noturno, saturado do perfume da rosa albertine, que crescia em rosada profusão sobre uma pérgula. Na varanda, começou a calçar as galochas, explicando à sua audiência iluminada, sobre o ombro, da sua posição agachada, que não podia atravessar de facto a casa dos Chidgely para o jardim, porque nesse momento não sabia das chaves, mas não quisera que Patsy Barnes-Pryce o soubesse. Só aumentaria a impressão de incompetência que Patsy tinha dela — a chave devia estar nalgum lado. Alimentava o gato dos Chidgely — ou melhor, Colette alimentava-o, era a ela que eles pagavam para isso — entrando no jardim como os miúdos, no seu jogo dessa tarde, por um intervalo na extremidade da sebe. Felizmente, os Chidgely tinham uma chave suplente para a porta das traseiras debaixo de um vaso.

— Por isso tenho de entrar assim, se quero pescar a porcaria da sandália do Milo do charco deles; se lá estiver mesmo, afinal. Temos uma lanterna?

— Devias tê-la enfrentado — disse Colette.

— Vamos todos consigo — sugeriu Nicky, desejando escapar ao interrogatório de Roger. Colette disse que podia aproveitar para dar comida ao gato. Phyllis ficou zangada por ela ainda não o ter feito.

— Coitado do *Sim*: e se morrer de fome? Bom, *tu* é que podias procurar a sandália, de caminho.

Mas sugeriu-o sem convicção: estava pronta, nas suas galochas, e queria sair dali, para longe do que quer que fosse que tinha descoberto à mesa. Colette disse que, se alguém pensava que ela ia andar à pesca em charcos para os Barnes-Pryce àquela hora da noite, que pensasse melhor.

— Devíamos levar uma escumadeira ou isso. Não queremos, efetivamente, usar as mãos — disse Phyllis, pegando numa inadequada colher de serviço de prata. Roger foi procurar uma lanterna à garagem e, enquanto ele não estava, Colette encontrou uma vermelha, de plástico, na gaveta do aparador: afinal, não podiam esperar por ele para começar. Por causa do absurdo da demanda, estavam infetados com uma irresponsabilidade infantil, mergulhando para longe das sociáveis luzes brilhantes para a escuridão, regressados aos seus eus privados a coberto dela, conscientes uns dos outros com uma intensidade renovada.

A meio caminho pelo jardim afora, o relvado e os canteiros davam lugar a algumas bétulas jovens, plantadas esparsamente, troncos manchados e espectrais à luz da lanterna. A luz era fraca e hesitante; Colette sacudiu a lanterna com força e esta apagou-se de vez. Nicky tropeçou na raiz de uma árvore, e as outras duas, com um grito, agarraram-no: ficaram todos agarrados uns aos outros. Depois, a escuridão foi recuando perante os seus olhos arregalados, e começaram a distinguir novamente as formas: as linhas escuras e direitas das árvores, a arrecadação baixa, entorpecida, à esquerda, a massa escura da sebe alta que os separava do jardim dos Chidgely, à direita. Sobre eles, as estrelas. Roger chamou cordialmente da casa: no contorno da luz do interior, pareceu-lhes, quando olharam para trás, como alguém deixado em terra pelo navio que partiu. A noite estava prenhe das exalações da terra: o mofo das folhas com a pungência do cogumelo, a insinuação de um fedor a raposa, a folhagem azeda, fermentada todo o dia ao sol. O rio largo, castanho, substancial,

ali perto, corria demasiado depressa e estava demasiado cheio para sussurrar ou murmurar; atirava as lamas contra as margens, parecia, para quem soubesse que ali estava, abafar o som como um cobertor de feltro; os gritos dos pássaros tardios rasgavam-no abruptamente. Phyllis tinha o braço no de Nicky Knight e estava ciente, através da lã fina do *blazer* dele, dos seus cotovelos agudos e da sua passada larga e absorta. Colette conduziu-os com confiança, apesar da escuridão, ao intervalo na sebe. Ouviu-se uma raposa.

— É apertado — avisou Colette, e, depois de lutar um pouco, estava do outro lado. Nicky passou a seguir e ajudou a puxar Phyllis, embora a sebe, que era mais alta do que eles, parecesse de início impenetravelmente densa; ela foi picada e arranhada, os ramos duros prendiam-se-lhe no vestido e no cabelo, quase deixou cair a colher.

Depois de estarem em segurança no lado de lá, Colette disse que os deixava para fazerem o que tinham de fazer, e avançou para as traseiras escuras da casa dos Chidgely; quando abanou outra vez a lanterna, desta vez funcionou. O gato apareceu sinuosamente de algum lado para a impedir de avançar, mesmo contra os seus interesses, deslizando-lhe em volta dos tornozelos; encontrou a chave debaixo do vaso, entrou, despejou com um garfo comida para o gato, da lata repugnante que estava no frigorífico, virando o rosto, com uma careta, ao pivete. Depois de lavar as mãos, vagueou; a casa dos Chidgely era interessante na ausência deles, como não o era quando lá estavam. Eram uma família aborrecida, e a casa era desengraçada, sem quaisquer sinais de arte — a ninfa ao lado do charco não era característica, fora herdada dos donos anteriores, e os novos tinham-se resignado à sua existência. Os armários da cozinha estavam cheios de taparueres gordurosos, frascos usados de café instantâneo com rótulos para farinha com fermento e arroz-doce instantâneo; uma avó tricotara cobertas para as frouxas almofadas de penas. Na escola, Colette evitava passar qualquer impressão de conhecer Anthea Chidgely, que era dois anos mais nova e cantava os hinos com empenho na reunião matinal, gostava de hóquei e de Matemática: tinha cabelo e olhos claros e a sua pele penugenta cheirava ao unguento que usava para as borbulhas.

E, todavia, no quarto de Anthea, a espreitar as coisas dela, Colette comoveu-se: a prova material de uma vida era de uma sugestão eloquente, desde que não te atirassem essa vida à cara. Pensou em como se sentiria ali se os Chidgely, todos os cinco, tivessem sido dizimados num acidente de automóvel na Suíça: a coleção de bonecas trajadas pareceria, nessas circunstâncias, tocante, eloquente. Quem saberia o que representariam aquelas índias americanas, aquelas camponesas da Macedónia e aquelas esquimós na imaginação de Anthea? Colette instalou-se confortavelmente no edredão framboesa, provavelmente parecendo, pensou ela, como a sobremesa *blancmange* em cima de geleia. *Sim* veio sentar-se na barriga dela, a ronronar, a ajudar com aquela dor, amassando com as patinhas — só protestou quando ele lhe lambeu a cara, porque o seu bafo era demasiado nojento. Todas as noites, quando cuidava do gato, permitia-se duas bandas desenhadas da pilha alta de *Bunbys* de Anthea.

— Sem a lanterna, conseguimos ver o charco, ou vamos cair lá dentro?

— perguntou Nicky.

— Temos de estar atentos a uma ninfa.

— Oh, senhora Fischer, mas... Ainda acredita em ninfas, ninguém... ?

— Tive uma vida muito resguardada, Nicholas.

— Detesto ser eu a despertá-la desse sonho.

Ele encontrou fósforos no bolso, conseguiu acender um, e olharam em volta no pequeno refúgio de luz. Phyllis disse que imaginava que esta ninfa fosse algum tipo de horrível estátua falsa.

— Não conseguimos realmente ver bem o charco do andar de cima. Mas os Chidgely têm péssimo gosto.

— *Os Chidgely têm péssimo gosto.*

Nicky imitou-a, uma provocação. De alguma forma, não era indelicado, mas sedutor, uma brincadeira de Nicky, e ela ficou deliciada. Ele sacudiu o fósforo e praguejou quando queimou os dedos.

— Credo. O que é o gosto, afinal? E o seu gosto? Talvez os Chidgely o achem horrível?

E Nicky pensava insistentemente, estou a meter-me com ela, mas é melhor não ir longe demais, são amigos da mamã. Por outro lado,

tinham estado ambos a beber e não eram inteiramente responsáveis pelas suas ações. Nicky quase caiu em cima da ninfa antes de a ver, à luz de outro fósforo: uma forma pálida, do tamanho de uma criança, com as mãos erguidas, de costas para eles, com o traseiro castamente coberto por panos, encantadora no escuro como talvez não o fosse à luz do dia. Ouvia-se um gotejar escondido, presumivelmente de algum sistema de ventilação, do charco para além dela. Phyllis e Nicky ajoelharam-se ambos com cautela no mosaico da berma e distinguiram, à luz do terceiro fósforo, nenúfares na superfície escura da água, que era de algum modo repelente, tanto que Phyllis não conseguia imaginar-se a mergulhar nela a mão, embora segurasse a colher com esperança.

— Parece tudo mais complicado agora que estamos mesmo aqui. Onde é que eu tinha a cabeça quando concordei em procurar a esta hora da noite? Aquela mulher está habituada a conseguir tudo o que quer. Eu devia estar doida. Quem sabe o que há aqui dentro? Pior do que peixes...

Por bravata, enrolando a manga, Nicky mergulhou a mão e voltou a tirá-la depressa.

— É viscoso. — Ele fez uma careta. — Sabemos se há peixes?

— Tome, experimente com a colher. Embora seja uma colher completamente inadequada.

Nicky procurou com a colher, sem convicção e sem chegar ao fundo do charco. Cada um deles podia distinguir a forma do outro, mais escura contra a escuridão.

— Oh, pelo amor de Deus, dê cá isso.

De repente, ela sentia-se arrojada e desesperada, raspando o fundo com a colher, amaldiçoando Patsy Barnes-Pryce, desistindo da colher, chapinhando, apalpando com a mão.

— Cá está! Sucesso! Ah!

Em triunfo, levantou a sandália de Milo da água, que escorria por todo o lado: fora pontapeada quase até meio do charco. Nicky não acreditara que conseguissem encontrá-la: na verdade, praticamente se esquecera do que procuravam, ali fora, na loucura da pesca no charco, no jardim de alguém, no meio da noite. Sob a superfície plácida dos subúrbios, algo ficara fora de controlo. A influência de

Tristes Trópicos, mantida à distância no senhorio burguês dos Fischer, regressara à tona no escuro, enquanto procuravam: conforme Phyllis perturbava o fundo podre do charco, ele parecia inalar a estufa vegetal, tropical, florida do Brasil. A pequena ninfa era símbolo de uma qualquer civilização arruinada, vigiando a sua violação desse lugar; Nicky sentiu-se um pontinho ínfimo na escala da História. Quando Phyllis se riu com júbilo, sentando-se nos calcanhares, segurando a sandália a pingar longe dela, ele oscilou no espaço entre eles: de algures veio a ideia de que devia beijá-la, se não fosse um burguês, se não se preocupasse com as suas delicadezas. Não era isto a vida perigosa, e não devia ele agarrá-la?

Na obscuridade, apontou para a face, mas ela voltou para ele a boca esfomeada. O beijo foi excitante, com um alarmante sabor a alho — imaginou-se a tombar numa caverna quente de prazeres adultos que, de alguma forma, também era brasileira. De súbito, a sandália encharcada não era nada. Phyllis deixou-a cair com indiferença, com a colher, no pavimento atrás dela; a sua mão subiu para explorar dentro do blazer dele, agarrando-lhe o ombro, a água do charco a ensopar-lhe a camisa. O beijo continuou, abrindo e fechando, doloroso, escorregadio. Por fim, afastaram-se, a respiração pesada, suficientemente próximos para distinguirem o formato do rosto um do outro, a palma dela no pescoço dele, dedos molhados no cabelo de Nicholas.

— Pensei que me detestava — disse ela.

Na verdade, não fazia ideia do que sentia por ela.

Mas Phyllis já pensava nele como seu amante, ou que se tornaria seu amante. Ninguém a beijara assim, um beijo tão molhado e voraz, em tantos anos de casamento; esse espaço ficara por preencher na sua natureza apaixonada. Tinha amado outro homem brevemente — há muitos anos, no Cairo, antes de Roger. Mas essa aventura tornara-se uma coisa feia e ela enterrara a memória, casando em vez disso com Roger e reagindo contra a paixão, parecendo-lhe ver para além dela e acreditando que podia viver sem ela. Esta versão da sua história de vida desenrolava-se na sua mente mesmo enquanto beijava Nicky: agora, achava que estivera este tempo todo à espera para o

encontrar. Estava embriagada com a magreza de Nicky, o seu maxilar esguio e suave como o de uma rapariga, a sua boca amarga do fumo do cigarro, tudo o que nele era inacabado, e informal, e indelicado. O baque do desejo, em queda pelo seu corpo como um peso, rearranjando tudo dentro dela, deixando-a irreconhecível: é meu amante, pensou com determinação. Phyllis era rápida e adaptável, recetiva: levava as coisas com graça e leveza exteriores. Mas também era supersticiosa e teimosa. Uma vez que contasse a si própria uma certa história, ficava estabelecida, e nenhuma argumentação ou prova em contrário podia abalá-la.

Antes mesmo de haver tempo para se beijarem outra vez, Roger chamou-os da extremidade da sebe.

— Tiveram sorte?

Phyllis afastou-se de Nicky, tocando-lhe na face com uma ternura que era quase maternal.

— Temos de voltar — murmurou-lhe ao ouvido. — Não tenhas medo, eu vou ter contigo, arranjo uma maneira. Mas tens de deixar um número de telefone, ele vai estar a contar com isso. E depois posso ligar-te.

Roger devia ter trazido uma lanterna melhor, com uma luz forte. Felizmente, a sebe era demasiado alta para que ele conseguisse ver para o outro lado ou projetar a luz sobre eles — o foco vagueou inutilmente pela noite, acima deles. Nicky ainda estava atordoado, tonto e inchado de desejo, envergonhado; Phyllis levantou-se, puxando o vestido para baixo, recolhendo a sandália ensopada e a colher. Gritou com alegria para o escuro, exultante como uma criança que tivesse ganhado o prémio de um jogo: *Encontrámo-la!* A atuação como esposa satisfeita era consumadamente boa. Assustou Nicky; em que profundidades de experiência caíra ele? Assumira que os Fischer eram o que pareciam, respeitáveis e inocentes. Agora parecia-lhe que fora ele o inocente. À luz dos fósforos, embora lhe tremessem nos dedos, encontraram o espaço na sebe e atravessaram-no a custo, primeiro Phyllis; quando ele surgiu do lado de lá, onde Roger esperava, viram à luz da lanterna que a camisa branca

de Nicky não estava apenas ensopada de água do charco, mas também manchada e imunda com lama e lodo verde do fundo, que correspondia exatamente à lama nas mãos e no vestido de Phyllis.

— Olhem para o estado em que estão! — exclamou Roger. — Como é que isso aconteceu?

Nicky ficou horrorizado, a olhar para a camisa sob o raio de luz, o que o fazia sentir-se como um alvo. Esperava que a qualquer momento Roger Fischer percebesse as provas do crime e visse o que acontecera com a sua mulher ao pé do charco. Para além disso, o material molhado colava-se-lhe ao peito de forma desagradável.

— Olha para mim — gritou Phyllis —, este vestido só se pode limpar a seco! E pobre Nicky, está uma desgraça! Vou ter de arranjar-lhe uma camisa limpa: pode levar emprestada uma do Roger. Porque foi tudo por uma boa causa, querido: o Nicky pescou-a. Olha! Encontrámos a maldita sandália do Milo Barnes-Pryce! E na escuridão total, razão pela qual fizemos esta porcaria tão grande. Posso ligar à Patsy e contar-lhe as provações a que submetemos o nosso convidado por causa dela.

— Mas onde está a Colette? Assumi que pelo menos ela tinha uma lanterna.

— E tinha, mas levou-a com ela para os Chidgely, claro, para ir dar comida ao gato.

— Estou envergonhado pelo que a minha família o fez passar, Nicholas.

— Não se preocupe comigo — tranquilizou-o Nicky. — Foi um prazer ajudar.

— Foi tudo tão disparatado — disse Roger. — Não costumamos ser tão disparatados. Podemos recompensá-lo? Não quer cá passar a noite? Temos um quarto vago. Creio que talvez já tenha perdido o último comboio. A Phyl pode lavar a sua camisa, de manhã estará seca, e oferecer-lhe um bom pequeno-almoço.

— Oh, não há problema com a camisa — disse Nicky, desesperado. — Posso ir assim, não tem importância. Que horas são? Tenho de regressar. De certeza que não perdi o comboio...

— Claro que não perdeu. — Phyllis mostrou-se charmosa e tranquilizadora. — O Roger pode levá-lo à estação. E, assim que estivermos lá dentro, pode despir essa camisa, lavar-se e arranjar-se, enquanto ele tira o carro da garagem. O seu *blazer* não está muito mau. Mas, se fosse a si, pendurava-o para secar quando chegasse a casa. E depois dê-lhe uma boa escovadela.

Ela levou uma camisa lavada à casa de banho enquanto Nicky se lavava, fazendo a água quente correr com tanta força que os canos chiavam, embaciando os espelhos com vapor, ficando mais sóbrio, enterrando o rosto na toalha para obliterar a consciência trémula do que acontecera. Discretamente, ela bateu.

— As mangas vão ficar-lhe curtas, mas não se vai ver debaixo do *blazer* — disse em voz alta. Nicky abriu a porta, consternado, nu até à cintura.

— Peço-lhe muitas desculpas, senhora Fischer — sussurrou com urgência. — Devo ter bebido demais.

Phyllis tocou-lhe com as pontas dos dedos no peito, onde a pele era pálida e sem pelos, pegajosa com o vapor, tão tensa sobre as costelas que ela pensou num delicado barco, um coracle. Baixou a cabeça para lhe beijar o ombro, e ele sentiu a massa leve do cabelo dela comprimir-se-lhe contra o pescoço. À luz áspera da casa de banho, quando ergueu o rosto para o dela, viu que não era nova. Também não era velha, a pele não estava a ficar flácida ou solta, mas gerava-se nela uma tensão: tensão nas margens dos lábios, sob os olhos a pele vagamente azul. A sua coloração vibrante era cristalina, outonal.

— Deixe o seu número, não se esqueça — disse ela.

Quando ele não deu o número a Roger, ela não se preocupou. Pensou apenas que devia ter-se esquecido, na sua confusão por ter de estar sozinho com o marido dela, depois do que sucedera. Sentia a apreensão dele, sabia-se destemida e implacável o suficiente para os dois. De qualquer modo, Phyllis conseguiria encontrá-lo com facilidade; bastava perguntar aos pais dele, podia inventar uma desculpa. Na entrada, depois de terem saído para a estação, ao ligar a Patsy

acerca da sandália, ao esticar-se nas pontas dos pés, ao andar lentamente às voltas sobre o tapete, invisível para Patsy, ouvia a alegria a borbulhar na sua voz, irreprímível. Não havia um único pensamento na sua cabeça, não pensava. Era demasiado cedo, começaria a pensar no dia seguinte. Patsy interrogava-a, desconfiada, como se algo fosse culpa sua.

— Mas como é que foi parar à água? — protestou. — Só espero que não esteja estragada.

Na verdade, Nicky nunca tivera intenção de deixar o seu número, não tinha nenhuma noção real de que naquela noite começara alguma coisa com Phyllis Fischer. O único momento em que quase balbuciou qualquer coisa educada sobre manter-se em contacto foi quando Roger o deixou na estação e saiu do carro para lhe apertar a mão sob as luzes da estação, parecendo relutante em separar-se dele. Tirou o volume de *Tristes Trópicos* de onde estava, todo estropiado no bolso do *blazer* de Nicky.

— Trate os seus livros com mais gentileza, meu caro — disse, dobrando as capas de volta ao seu lugar, tentando devolver-lhes a forma com a pressão da sua mão boa. — Está a gostar? Eu gostei muito. Incuravelmente romântico, porém.

— É a coisa mais triste que já li — exclamou Nicky. Acrescentou que a civilização era um erro deplorável; Roger assegurou-lhe que não devia levar essas coisas demasiado a peito.

— São os Franceses, sabe. Gostam desse estilo grandiloquente.

Não havia por ali mais ninguém, os subúrbios afundavam-se ao fim da noite no seu torpor de morte. Roger pôs o braço em torno do ombro do jovem e deixou-o lá uns momentos, pesado, a consolá-lo.

Colette entrou meia hora depois de os pais terem ido para a cama, pelas portas de vidro que tinham deixado destrancadas para ela. Um candeeiro na sala de jantar tinha ficado aceso: teve oportunidade, por um momento, antes da película de familiaridade envolver tudo, de ver a sua própria casa à mesma luz alienada sob a qual observara a dos Chidgely. Phyllis levantara a mesa e empilhara os pratos na cozinha, prontos para Mandy, de manhã. A sala pareceu-lhe mais pequena do

que duas horas antes, mais apinhada de mobília, mais abafada com os cheiros do jantar, mais estúpida. As cadeiras de costas bordadas — flores inglesas sobre verde-garrafa — tinham vindo com a casa, bordadas sem propósito por alguma mulher desconhecida sem nada de melhor para fazer, provavelmente morta há muito. Por um instante, pareceu a Colette ver que algo acontecera nessa sala mesmo então: apareceu como um fio vermelho-vivo pelo chão, imediatamente puxado para fora do campo de visão. Mas não havia nenhum sinal visível de desordem — exceto que a mãe removera os sapatos de salto debaixo da mesa e se esquecera deles, virados de lado, deselegantes, coçados, com os saltos cruzados como espadas.